

LISTAS BIBLIOGRÁFICAS  
DE APOIO AO CURRÍCULO  
DE PORTUGUÊS  
ENSINO SECUNDÁRIO

# Poesia Portuguesa do século XX

## Volume 1

---

2017

Biblioteca Escolar Clara Póvoa | AELdF

# POESIA PORTUGUESA DO SÉCULO

---

VOLUME I

Apoio curricular à disciplina  
de Português do Ensino Secundário

## Ficha técnica

**Seleção local:** Paulo Melo

**Seleção web:** Isabel Bernardo

**Desenho gráfico:** Isabel Bernardo

**Paginação:** Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

**Edição:** Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Fotografia da capa: Filipe Oliveira. Olhares.sapo.pt

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede

2018

Poesia Portuguesa Século XX. Vol. I. Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

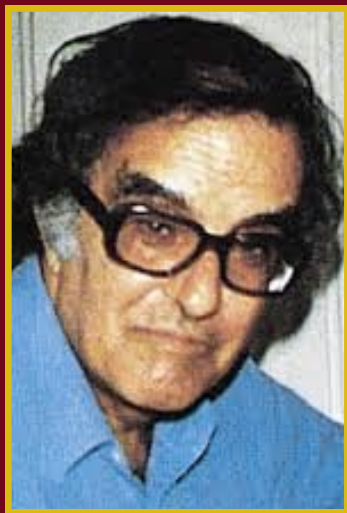
- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



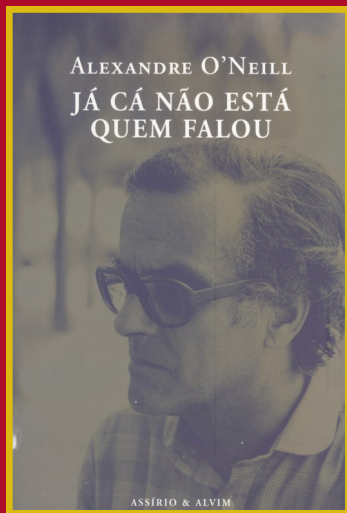
**Alexandre O'Neill**

Alexandre Manuel Vahia de Castro O'Neill de Bulhões (Lisboa, 19 de dezembro de 1924 — Lisboa, 21 de agosto de 1986) foi um importante poeta do movimento surrealista português. Era descendente de irlandeses. Tem uma biblioteca com o seu nome em Constância.

Autodidacta, É nesta corrente que publica a sua primeira obra, o volume de colagens *A Ampola Miraculosa*, mas o grupo rapidamente se desdobra e acaba. As influências surrealistas permanecem visíveis nas obras dele, que além dos livros de poesia incluem prosa, discos de poesia, traduções e antologias.

Não conseguindo viver apenas da sua arte, o autor alargou a sua acção à publicidade. É da sua autoria o lema publicitário «Há mar e mar, há ir e voltar».

Foi várias vezes preso pela polícia política, a PIDE.



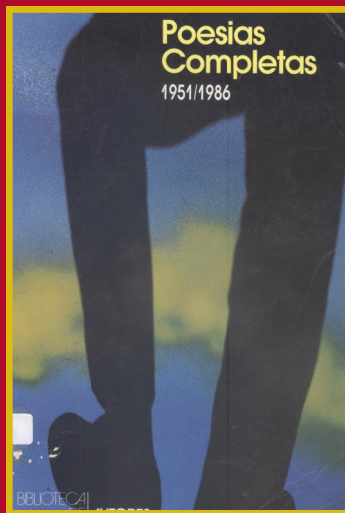
Cota: 821.134.3-94 ONE

O hábito magazinesco de legendar fotografias com frases «poéticas» foi-se perdendo. Hoje, a fotografia fala por si própria e a poesia também... À parte legendas de mera identificação (ou de humor), as imagens fotográficas dispensam o fraseário que era suposto apoiá-las. O jornalismo evoluiu para uma comunicação mais substantiva. A fotografia de imprensa deixou de ser «em beleza» e passou a ser «em verdade». Texto e imagem estão mais interligados. A fotografia perdeu o carácter de brilharrete ornamental. Da paisagem passou-se para o corpo. Do nu artístico para o nu erótico. A «bela prosa» gastou toda a sua importância. E assim por diante, nesta verificação de mudanças que vieram afectar o nosso pasto cultural de civilizados....

Desses tempos, o que ainda é a fotografia, que era às vezes de extraordinária qualidade. (p. 102)

O'Neill, Alexandre. (2008). *Já cá não está quem falou*. Lisboa: Assírio & Alvim.

*Os textos*



Cota: 821.134.3-1 ONE

*Os textos*

“Escritor a tempo inteiro”

Escritor a tempo inteiro?  
Que ideia!

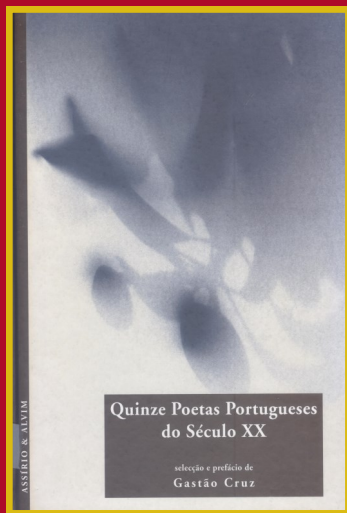
Afiando os seus aparos  
nas margens da criação,  
com umas «tarefas parecidas»,  
com uns «trabalhos afins»  
e umas surtidas ao povo?

Que ideia!

Este escritor deve estar  
misturado com o povo  
e não ser só relator  
ou camarada animador.

Deve arriscar os seus dedos,  
escreventes,  
na mesma dura engrenagem  
onde outros perdem os dedos  
entre dentes,  
e, depois, que escreva, escreva  
com os dedos que tiver. (p. 452)

O'Neill, Alexandre. (1995). *Poesias completas* (3.ª ed.). Lisboa: INCM.



Cota: 821.134.3-82 QUI

### “Catorze versos”

O primeiro é assim: fica de parte.

/ No segundo já posso prometer / que no terceiro vai haver mais arte. / Mas afinal não houve... que fazer? // Melhor será calar, pois que dizer / nem no sexto conseguirei destarte. / Os acentos errados é favor não ver; / nem os versos errados, que também sei hacer... // Ó nono verso porque vais embora / sem que eu te sublime neste décimo? / Ao décimo-primeiro dediquei uma hora. // Errei-o. Mas que importa se a poesia, / Mesmo que o não errasse, já não vinha? / É este o último e, como os outros, péssimo... (p. 318)

O'Neill, Alexandre. (2004). *Catorze versos*. In Cruz, Gastão (Sel.): *Quinze poetas portugueses do século XX*. Lisboa: Assírio & Alvim.

*Os textos*



Cota: 821.134.3-82 ROS

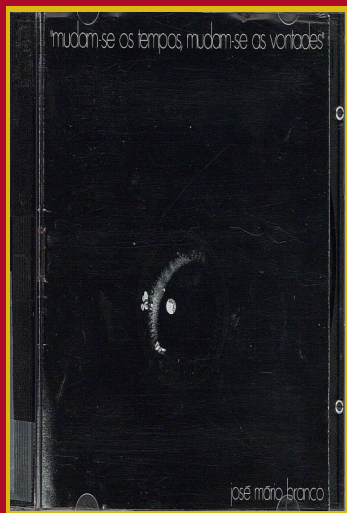
### “A meu favor”

A meu favor / Tenho o verde secreto dos teus olhos / Algumas palavras de ódio algumas palavras de amor / O tapete que vai partir para o infinito / Esta noite ou uma noite qualquer // A meu favor / As paredes que insultam devagar / Certo refúgio acima do murmúrio / Que da vida corrente teime em vir / O barco escondido pela folhagem / O jardim onde a aventura recomeça // A meu favor tenho uma rua em transe / Um alto incêndio em nome de nós todo. (p. 1635)

O'Neill, Alexandre. (2001). *A meu favor*. In Correia, Manuela (Org.): *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro* (3.ª ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.

*Os textos*





**Cota: 8 BRA**

**Música (CD)**

“Perfilados de medo”

Perfilados de medo agradecemos  
o medo que nos salva da loucura  
Decisão e coragem valem menos  
e a vida sem viver é mais segura

Aventureiros já sem aventura  
perfilados de medo combatemos  
irónicos fantasmas à procura  
do que não fomos, do que não seremos

Perfilados de medo, sem mais voz  
o coração nos dentes oprimido  
os loucos, os fantasmas somos nós

Rebanho pelo medo perseguido  
já vivemos tão juntos e tão sós  
que da vida perdemos o sentido

Branco, José. (1991). *Perfilados de medo*. In *Mudam-se os tempos mudam-se as vontades* [CD]. Portugal: Upva.

*Os textos*



**Cota: 800 POE**

**Música (CD)**

## *Os textos*

põe a mesa  
come à mesa  
levanta a mesa  
trabalha à mesa

desmanivela-a  
desce  
é cama

faz a cama  
abre a cama  
brinca na cama  
dorme na cama

desmanivela-a  
desce mais  
é caixão

entaipa o caixão  
forra o caixão  
entra no caixão  
fecha o caixão

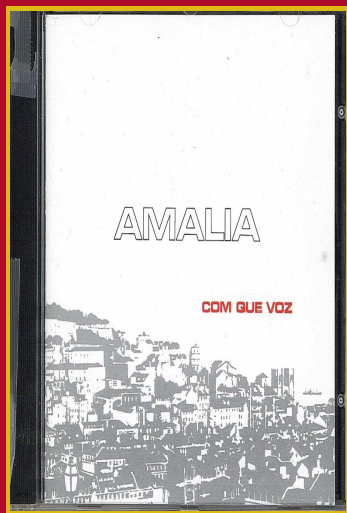
era a brincar  
era a brincar

manivela-o  
sobe  
é cama

manivela-o  
sobe  
é mesa

põe os cotovelos na mesa

Fortes, Maria João. (2002). *Mesa. In Poesia encantada 2 [CD]*. Alemanha: EMI Valentim de Carvalho.



**Cota: 8 ROD**

**Música (CD)**

“Formiga bossa nova”  
Minuciosa formiga  
não tem que se lhe diga:  
leva a sua palmilha  
asinha, asinha.

Assim devera eu ser  
e não esta cigarra  
que se põe a cantar  
e me deita a perder.

Assim devera eu ser:  
de patinhas no chão,  
formiguinha ao trabalho  
e ao tostão.

Assim devera eu ser  
se não fora  
não querer.

Rodrigues, Amália. (1989). *Formiga bossa nova. In Com que voz [CD]*. Alemanha: Decca Record Company Limited.

*Os textos*



**Cota: 8 ROD**  
**Música (CD)**

## *Os textos*

### Gaivota

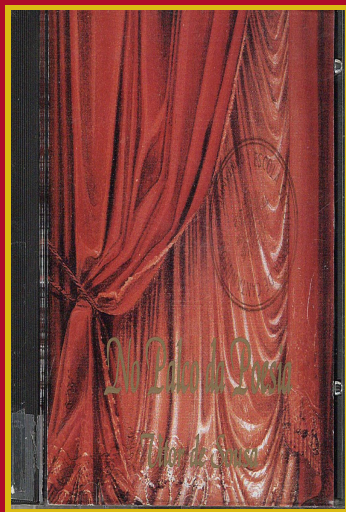
Se uma gaivota viesse  
Trazer-me o céu de Lisboa  
No desenho que fizesse,  
Nesse céu onde o olhar  
É uma asa que não voa  
Esmorece e cai no mar.

Que perfeito coração  
No meu peito bateria  
Meu amor na tua mão  
Nessa mão onde cabia  
Perfeito o meu coração.

Se um português marinheiro  
Dos sete mares andarilho  
Fosse quem sabe o primeiro  
A contar-me o que inventasse  
Se um olhar de novo brilho  
No meu olhar se enlaçasse

Que perfeito coração  
No meu peito bateria  
Meu amor na tua mão  
Nessa mão onde cabia  
Perfeito o meu coração

Rodrigues, Amália. (1995). *Gaivota*. In *O melhor de Amália: estranha forma de vida [CD]*.  
Holanda: EMI Valentim de Carvalho.



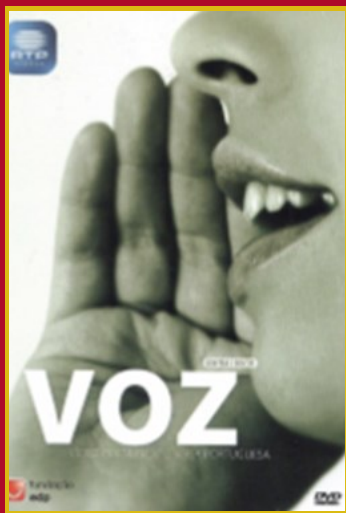
**Cota: 610 SOU**  
**Declamação (CD)**

## *Os textos*

Estás mais louca  
Eu já não sei quando te ouço  
Se como caracóis ou mastigo  
Alecrim  
Se me derramo pelo amor  
Ou por um banco de jardim  
Se a gaivota voa fora  
Ou voa dentro de mim  
Se coisa cantante  
O sentimento pode apodrecer  
Ao sol  
Se o desgosto é gosto  
Ou o posto é desgosto  
Se levei de ir a Viana  
Ou derivar por Lisboa  
Até onde a voz se faz mais rouca  
Eu já não sei quando te ouço  
Que pedrinhas atirar e a que janelas  
Que caretas fazer às feias  
Quer dizer, às menos belas

Que mãos beijar, trincar, devorar  
E que anéis cuspir, para as valetas  
Eu já não sei quando ter ouço  
Se trepa estilista  
Ou se mergulho num poço  
Eu já não sei, Amália,  
Donde vem  
Onde vai  
A tua voz  
Rapaz, rapariga  
Estão prometidos e tão sós  
A tua voz

Sousa, Vítor. (1995). *Amália. In No palco da poesia [CD]*. Pontinha: Ovação.



Cota: 791.229.1 FRE

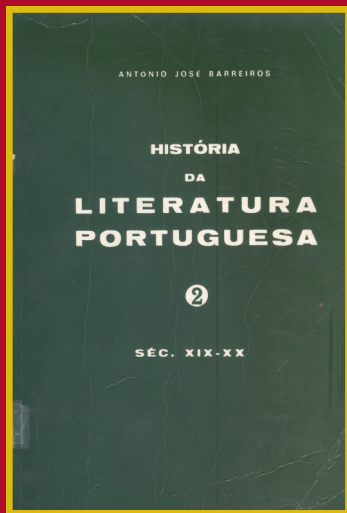
Declamação (CD)

*Os textos*

Estou onde não devia estar  
Estou no grande medo instintivo de minha mãe  
no medo zangado e prático de meu pai  
estou em ti no teu religioso medo  
nas tuas lágrimas queixas e suspiros  
de mulher ajoelhada  
Estou na horrível palavra «querido»  
quando tu a dizes encostada a mim  
enlaçando-me com os teus braços de renúncia e cobardia  
com os teus olhos de súplica silenciosa  
com os teus olhos de humildade canina  
enlaçando-me  
a mim  
teu amante teu senhor e teu filho  
Estou no murmúrio de desgosto da minha família  
da minha família imóvel diante de mim  
da minha família poderosa  
da minha família de olhar duro  
da minha família de olhar terno

Freitas, Ricardo (Realizador). (2010). *Voz: video-poemas em língua portuguesa [DVD]*.

Lisboa: CastelloLopes multimédia.

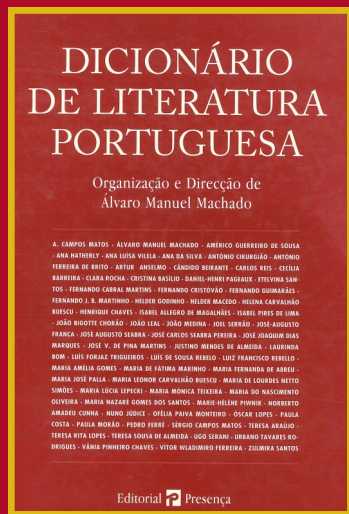


Cota: 80(09) BAR

A poesia de Alexandre O'Neill, lírica e satírica ao mesmo tempo, prendada com uma ousadia metafórica de apreciar, acabou por transcender o surrealismo. Com gracioso humor, soergue do chão, quando calha, vulgaridades quotidianas pouco poética (seios, dentes, bilhas, revólveres, grilos) e transfigura-as na magia de ritmos modernos, mas sem se envergonhar dos tradicionais, até ritmados, que os usa. Reanimando a decadente tradição satírica da poesia portuguesa, Alexandre O'Neill produziu os seus melhores versos à margem do surrealismo. (p. 590).

Barreiros, António José. (1996). *História da literatura portuguesa* (14.ª ed., vol. 2). Braga: Bezerra Editora.

*Sobre os textos*



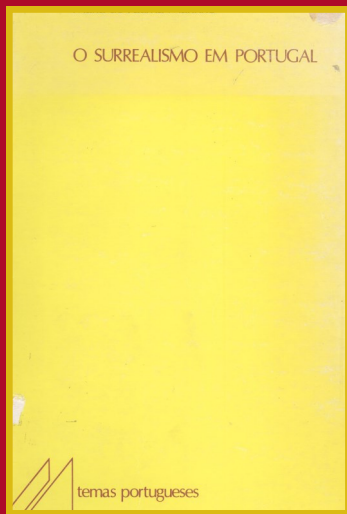
Cota: 80(038) MAC

*Sobre os textos*

Apesar deste afastamento, a poesia de Alexandre O'Neill soube aliar as características próprias da poesia surrealista a uma visão e a uma sensibilidade muito pessoais, marcadas por uma certa violência expressiva, pela exploração do insólito ou do sentido, pela confrontação de uma «consciência infeliz do mundo» para se libertar da sua «presença dolorosa, cínica ou inquietante». Ou até, como refere, por um «formalismo que o leva, num ou noutro poema, a soluções de evidente mau gosto». O que está certo se estivermos atentos ao modo como, ocasionalmente, o poeta sabe, com a maior lucidez, explorar certos jogos paródicos, o próprio Kitsch ou os típicos «inventários» surrealistas, onde o seu humor se faz sentir imaginosa e plenamente. Um aspecto a considerar na sua obra diz respeito à forma como nela se concilia uma atitude de vanguarda – que vai, como se disse, da sua inicial opção por uma estética surrealista às inovadoras experiências próximas do concretismo, como acontece em «Divertimento com sinais ortográficos» (in *Abandono Vigiado*, 1960), onde há um tratamento gráfico do poema – com a atenção prestada a uma expressão que não renunciará à tradição, nomeadamente de raiz arcádica.... (pp. 349-350).

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença.





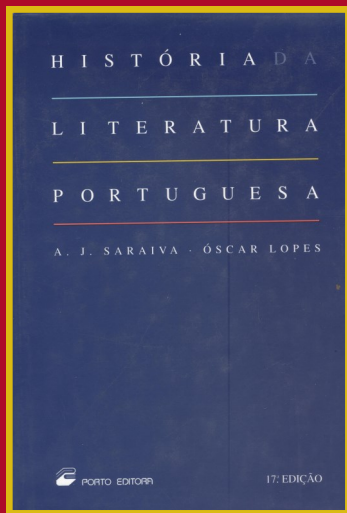
**Cota: 80 MAR**

Como assinaei no cap. «História do Surrealismo», O'Neill é um dos participantes das experiências do Cadáver Esquisito que marcaram o início das actividades surrealistas organizadas. Ele é também um dos autores que publicam nos Cadernos Surrealistas que vêm a público aquando da Exposição do Grupo Surrealista de Lisboa em Janeiro de 1949. O texto de Alexandre O'Neill tem o título a Ampola Miraculosa e o subtítulo «romance». É realmente um dos casos mais tipicamente surrealistas da Literatura Portuguesa, a começar pela ironia presente no título e subtítulo. As quinze páginas que constituem a obra obedecem todas a uma estrutura comum: uma imagem e a respectiva legenda, comentando esta, teoricamente, a primeira. É evidente que a relação texto-linguagem se apoia numa correspondência irónica e, em geral, muito francamente motivada. A uma gravura mostrando três rodas e uns personagens ao longe, segue-se um grupo de caracóis e a estes cinco bocas pronunciando cada uma a sua vogal. As legendas respectivas são as seguintes: «Os meus primos tinham fama de malucos...». «...e, às vezes, reuníamos-nos convenientemente disfarçados...» (p. 204).

Marinho, Maria de Fátima. (1985). *O surrealismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da

Moeda.

*Sobre os textos*

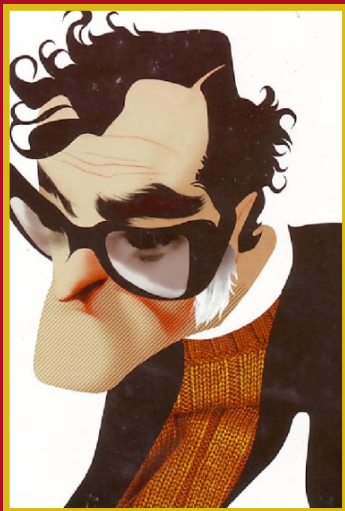


**Cota: 80(09) SAR**

Qualidade decididamente comprovada é, em conjunto, a do outro poeta que soube manter a vivacidade inovadora e irritante dos tempos heroicos, Alexandre O'Neill (n. 1924-12-19 – f. 1986-08-21). Essa qualidade ressalta já em *Tempo de Fantasma*, 1951, depois refundido e ampliado sob o título de *No Reino da Dinamarca*, 1958. O'Neill propaga à mordacidade satírica e à comoção lírica, por vezes combinadas entre si e com vários tons humorais flutuantes, a liberdade metafórica e sintática do surrealismo. leva como que à coagulação poética as moléculas desagregadas do prosaico, dentro de uma tradição que vem das cartas de Camões até Garção, e desde o Abade de Jazente, Tolentino e Bocage até Penha e ao Junqueiro da Musa em Férias. Raras vezes se terá aprendido tão bem, e de um mesmo lance, a intimidade invisível «num tropeço de ternura» e a intimidade convincente da «vírgula maníaca» do burocrata, como na «pequena dor à portuguesa», de *Um Adeus Português* (um dos extraordinários poemas de amor que escreveu). (pp. 1056-1057).

Saraiva, A. J. & Lopes, Óscar. (2001). *História da literatura portuguesa* (17.<sup>a</sup> ed.). Porto: Porto Editora.

*Sobre os textos*



Clique nos links para aceder aos recursos

[Instituto Camões](#)

[Portal da Literatura](#)

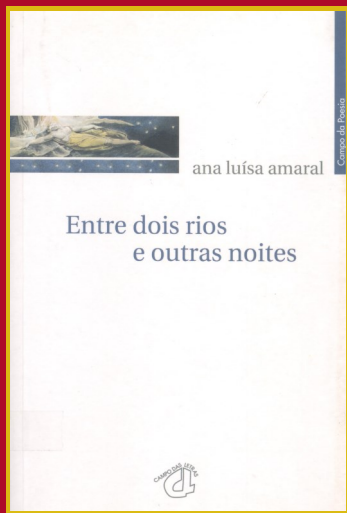
[RPT Ensina](#)

*Recursos web*



**Ana Luisa Amaral**

Ana Luísa Amaral nasceu em Lisboa e vive, desde os nove anos, em Leça da Palmeira. Tem um doutoramento sobre a poesia de Emily Dickinson e as suas áreas de investigação são Poéticas Comparadas, Estudos Feministas e Estudos Queer. É Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde integra também a direção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Tem publicações académicas várias em Portugal e no estrangeiro. É autora, com Ana Gabriela Macedo, do Dicionário de Crítica Feminista (Porto: Afrontamento, 2005) e preparou a edição anotada de *Novas Cartas Portuguesas* (1972), de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa (Lisboa: Dom Quixote, 2010). Organizou, com Marinela Freitas, os livros *Novas Cartas Portuguesas 40 Anos Depois* (Dom Quixote, 2014) e *New Portuguese Letters to the World* (Peter Lang, 2015). Coordenou o projecto internacional financiado pela FCT *Novas Cartas Portuguesas 40 anos depois*, que envolveu 13 equipas internacionais e mais de 15 países. Tem em preparação dois livros de ensaios.

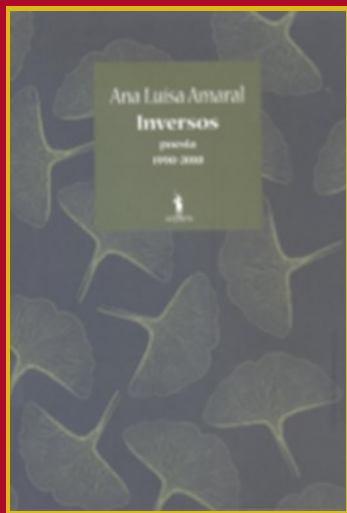


**Cota: 821.134.3-1 AMA**

## *Os textos*

E agora, em vez de me concentrar  
na humidade do que é livro triste,  
ou feminino mal,  
farei secar as suas folhas todas  
em programa a secagem barata  
e manual  
Talvez lhe junte até leve perfume  
Para o tornar ainda  
Menos vulnerável,  
Talvez algumas gotas de limão:  
não debaixo de fogo,  
mas de suave lume controlável,  
uma palavra ou duas surgirão  
Só para mim, numa magia calma,  
Para quem ler, o que aparecerá  
Serão folhas macias  
De um texto muito amável:  
o que não tem remédio,  
mais que rimado está  
Assim, com verso enxuto e a rimar  
(que só soneto deve ser molhado,  
Como já disse, há uns anos e tal),  
Deixarei o leitor feliz e sossegado,  
A pensar o que lê tanto podia ser  
Anúncio de pudim bem caramelizado  
Como curta notícia de jornal. (pp. 17-18)

Amaral, Ana Luísa. (2007). *Entre dois rios e outras noites*. Porto: Campo das Letras.



Cota: 821.134.3-1 AMA

Assim se remodelam as canções:  
com nuvens e dragões tão bafejantes  
quanto uivantes: as linhas. E se reor-  
ganizam as quadrilhas: garrafas  
de cerveja em espuma nem de mar

[Delirante, cantar com a voz dos  
Tritões (que as sereias, coitadas,  
Suicidaram-se todas no esforço de voar)]  
Assim se reformulam os espaços:  
traços a negro atravessando Goyas,

traços a branco e cabeleiras loiras  
nas mulheres de Gauguin. Acreditar  
que o amanhã é bom, mesmo se não,  
que um frasco de shampô: capaz de lavar  
dores, devolvendo-as ao tempo em regressão

Tão capilar, a alma assim se expande  
E sonha, até barba rolar como  
Matusalém ou Abraão. [Ou então Salomé,  
Protegida por brumas e dragões,  
organizando a próxima visão:] (p. 229)

Amaral, Ana Luísa. (2007). *Inversos: poesia 1990-2010*. Lisboa: D. Quixote.

*Os textos*

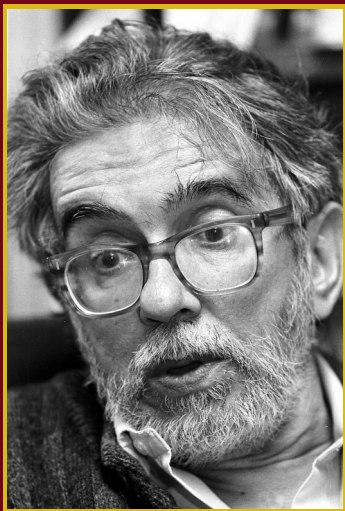


Clique no link para aceder aos recursos

[Mural no Facebook](#)

[Portal da Literatura](#)

*Recursos web*



**António Ramos Rosa**

António Ramos Rosa estudou em Faro, não tendo acabado o ensino secundário por questões de saúde[1]. Em 1958 publica no jornal «A Voz de Loulé» o poema "Os dias, sem matéria". No mesmo ano sai o seu primeiro livro «O Grito Claro», n.º 1 da colecção de poesia «A Palavra», editada em Faro e dirigida pelo seu amigo e também poeta Casimiro de Brito. Ainda nesse ano inicia a publicação da revista «Cadernos do Meio-Dia», que em 1960 encerra a edição por ordem da polícia política.





Cota: 821.134.3-82 ROS

*Os textos*

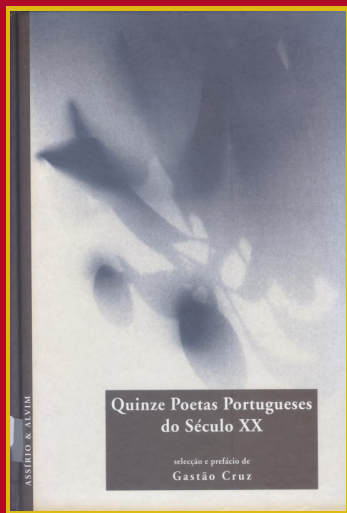
“A verdade”

A verdade é semelhante a uma adolescente  
vibrante, flexível, em radiosa sombra.  
Quando fala é a noite translúcida no mar  
e a esfera germinal e os anéis da água.  
Um apelo suave obstinado se adivinha.

Ela dorme tão perfeitamente despertada  
que em si a verdade é o vazio. Ela aspira  
à cegueira, ao eclipse, à travessia  
dos espelhos até ao último astro. Ela sabe  
que o muro está em si. Ela é a sede

e o sopro, a falha e a sombra fascinante.  
Ela funda uma arquitectura volante  
em suspensas superfícies ondulantes.  
Ela é a que solicita e separa, delimita  
e dissemina as sílabas solitárias. (p. 232)

Rosa, António Ramos. (2001). *Antologia poética*. Lisboa: D. Quixote.



Cota: 821.134.3-82 QUI

## *Os textos*

“O único sabor”  
Sabor, sabor oculto,  
submerso,  
sabor adormecido, Ó rosas, ó antes, primaveras,  
sabor só abruptamente surto  
na queda do sono, no fulgor dum relâmpago,  
surto, submerso,  
ó antes da consciência, antes de tudo,  
ó sabor só nascido sobre a paz última de tudo para além de tudo, sabor  
de terra ainda antes dos olhos,  
sabor a nascer, sabor-desejo, antes do beijo, sabor de beijo,  
sabor mais lento, mais fundo, mais de dentro,  
sabor a muralha, cálido, denso, como a cor,  
sabor de estar, sabor de ser,  
ó tranquila degustação sem mandíbulas,  
sabor de dentro como um cheiro imemorial presente,  
ó colinas esparsas, ó veios de água sussurrantes,  
somente ouvidos, nem sequer ouvidos, mas presentes, esparsos,  
ó presença da terra nas pálpebras, num sabor acre da garganta,  
ó estrelas, ó verdadeiras estrelas da infância,  
ó sabor do escuro, do ventre, da espessura da noite,  
ó profundo sono de raízes,  
ó água bebida ao rés da terra, ó sono da vida,  
ó som de bichos, de tudo e nada, num só obscuro... (p. 290)

Rosa, António Ramos. (2004). *O único sabor. In Cruz, Gastão (Sel.): Quinze poetas portugueses do século XX*. Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 821.134.3-82 ROS

*Os textos*

“Não posso adiar o amor”

Não posso adiar o amor para outro século  
não posso  
ainda que o grito sufoque na garganta  
ainda que o ódio estale e crepite e arda  
sob montanhas cinzentas

Não posso adiar este abraço  
que é uma arma de dois gumes  
amor e ódio  
Não posso adiar  
ainda que a noite pese séculos sobre as costas  
e a aurora imprecisa demore  
não posso adiar para outro século a minha vida  
nem o meu amor  
nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração (pp. 1631-1632)

Rosa, António Ramos. (2001). *Não posso adiar o amor*. In Correia, Manuela (Org.): *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro* (3.ª ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 610 SOU

Música (CD)

## *Os textos*

“Não Posso Adiar o Amor”

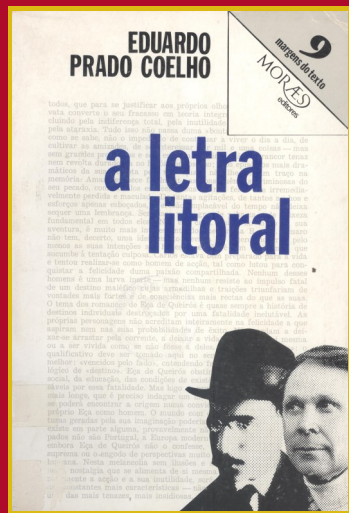
Não posso adiar o amor para outro século  
não posso  
ainda que o grito sufoque na garganta  
ainda que o ódio estale e crepite e arda  
sob montanhas cinzentas  
e montanhas cinzentas

Não posso adiar este abraço  
que é uma arma de dois gumes  
amor e ódio

Não posso adiar  
ainda que a noite pese séculos sobre as costas  
e a aurora indecisa demore  
não posso adiar para outro século a minha vida  
nem o meu amor  
nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração

Sousa, Vitor. (1996). *No palco da poesia [CD]*. Pontinha: Ovação.



Cota: 80 COE

*Sobre os textos*

Não é fácil falar da poesia de Ramos Rosa. Tão acessível à leitura, e, no entanto, tão esquiva à escrita. Demasiado debruçada sobre evidências que se subtraem a um dizer discursivo. E, depois, pobre, monótona, nua, sem variação temática, presa à obsessão de um único sabor.

Podemos partir, precisamente, desse ponto: da sua mono-tonia. Há um movimento dominante em Ramos Rosa, diremos mesmo que um só, e o resto facetas, aplicações, vertentes. Toda esta poesia corresponde a uma única interrogação: será possível conhecer o real?

Duas questões (pelo menos) se levantam. A primeira chega, e pergunta: real ou realidade? Se entendermos por realidade o modo socializado e verbalizado como o mundo se nos torna disponível, então poderemos afirmar que Ramos Rosa rejeitou há muito a aproximação da realidade, na medida em que essa realidade lhe aparecia como abstracta. Numa primeira fase, abstracta porque alienava, vítima do esvaziamento dos mecanismos sociais (capitalistas?) encostada a um lirismo cúmplice que a deverá resgatar... (pp. 202-203)

Coelho, Eduardo Prado. (1979). *A letra litoral*. Lisboa: Moraes Editores.

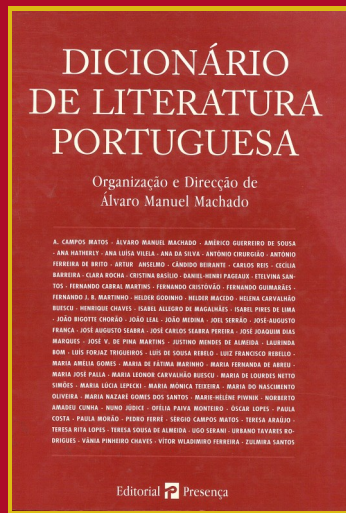


**Cota: 80 GUI**

Talvez se possa dizer que há em toda a poesia de António Ramos Rosa um muito vivo equilíbrio entre o que seria o próprio dom interior das palavras, sob o «vagaroso peso» com que elas em si mesmas imergem, e a sua existência libertadora, o seu poder latente de intervenção. Assim se definiria o que, até certo ponto, não deixa de representar uma intersecção do espaço poético e do espaço ideológico das palavras, intercepção essa que tanto preocupou a consciência crítica ou criadora daqueles anos 50. Não se trata, todavia, de um implícito ou obsessivo regresso às discussões sobre arte pura e arte comprometida, tão acesa nos tempos em que o movimento da Presença, servia de alvo aos polémicos defensores de um engagement literário, pois tal questão acabara por encontrar uma saída, de certo modo também polémica, na viragem que o Surrealismo representou relativamente ao nosso Neo-Realismo. A poesia passava a ter como o homem a dimensão de um acto total. E era tendo em vista essa totalidade que se poderia fazer, agora, uma tentativa de passagem que contribuísse para relacionar entre si a própria situação do homem e a criação poética. (pp. 45-46)

Guimarães, Fernando. (1989). *A poesia contemporânea portuguesa e o fim da modernidade*. Lisboa: Caminho.

*Sobre os textos*

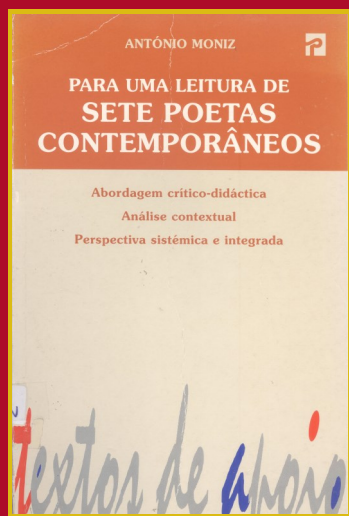


Cota: 80(038) MAC

*Sobre os textos*

Refira-se a presença de poemas como «O boi da paciência» Ou «Telegram sem classificação especial», os quais demarcam aspectos importantes da sua poesia inicial pela maneira como esta se prende a situações existenciais vistas de um modo aproximativamente comprometido sob o ponto de vista ideológico (p. ex., a implícita referência à alinação, por vezes marcada por uma certa coloquialidade ou irinía: «a surpresa subornada pela rotina»; o «mundo descoroçoante», «o homenzinho diário recomeça / no seu giro de desencontros»). Este aspecto foi devidamente posto em relevo por Adolfo Casais Monteiro num texto de que será retirado um excerto como introdução do segundo livro citado e onde, entre outras, se faz esta afirmação: «a poesia de António Ramos Rosa deixa ver bem claramente que vem depois do surrealismo e que também foi caldeada, não direi no neo-realismo, mas naquilo [...] que corresponde a este» quando se não considera «alheio à vida de todos os homens». As 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> partes desse livro – À memória de Paul Éluard» e «Poemas Nus» - representam já uma importante inflexão que imprime à poesia de António Ramos Rosa uma nova orientação no sentido de procurar uma linguagem mais depurada, preferentemente voltada para «as palavras mais simples» ou para «uma interminável palavra / no interminável silêncio». (p. 423)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença.



**Cota: 80 MON**

## *Sobre os textos*

Recorrente em quase toda a poesia de Ramos Rosa, a linguagem do corpo, meio de conhecimento e êxtase estético, adquire em *Voz Inicial* um relevo particular.

No poema «Corpo e Terra», em quatro estrofes (dois tercetos, uma quadra e um monóstico), de metro longo irregular, o corpo feminino, na sua nudez íntima, é objecto de uma desconcertante sinestesia, em comunhão com a Natureza vegetal e marítima.

Na 1.<sup>a</sup> estrofe, à visão física da extensão corporal, sublinhada pela hipálage alvura larga, associa-se a metáfora predominantemente táctil da toalha viva e água, e o gerúndio auditivo («cantando»). Mas, para além da caracterização física, naturalmente sedutora, assume, em contraste, uma nota de apelo catártico e solidário o olhar inteiro da sua solidão ignorada. Então, a exclamação do último verso amplia a noção física da largura corporal visualizada e cantada («como é larga a mulher!»), de uma largura que suporta essa solidão ignorada.

Na 2.<sup>a</sup> estrofe, esse corpo passa a ser ouvido, mesmo na sua sinestesia que abarca a visão («extenso», «branco») e o tacto («volumoso», abraçando»). Mas não é apenas o corpo que é objecto de tal sinestesia. Toda a paisagem envolvente («o sol e as janelas abertas», «a madeira») e o próprio abraço, a terra viva que é a carne embarca nessa viagem Sem destino que é o acto de conhecer. (p. 142)





**Cota: 80 ROD**

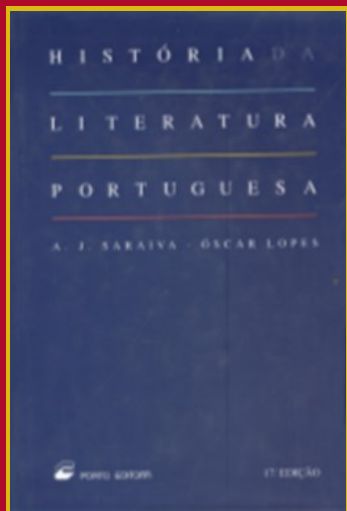
Não me refiro a Deus desta ou daquela religião, mas à unidade universal, à ânsia e procura do absoluto que atravessam toda a poesia de António Ramos Rosa desde O Grito Claro a O Não e o Sim. Mesmo na sua fase mais permeável ao espartilho de um quotidiano deformante, são a abertura ao mundo, a fuga às prisões sociais que mais fortemente marcam já esta poesia.

Religada à origem, à matéria, à terra, à matéria, nela se sente, no entanto, desde o início uma perda, que determina o esforço para colmatar esse vazio e encontrar, com a própria identidade, a límpida unidade de todas as coisas, vivas ou inertes. Assim, esta poesia é instauração do ser.

Redescoberta ou regresso, busca do infinito através da palavra, o seu momento inicial, o da enunciação, faz coincidir a linguagem poética com o silêncio chamejante, insistentemente nomeado. (p. 91)

Rodrigues, Urbano Tavares. (2001). *O texto sobre o texto*. Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda.

*Sobre os textos*

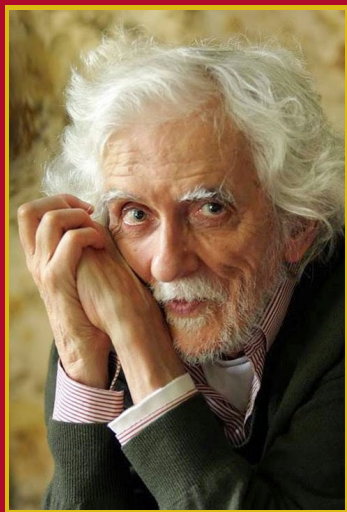


Cota: 80(09) SAR

António Ramos Rosa (n. 1924-10-17) vem aqui a propósito, pela fase da consagração da sua obra, tardiamente editada. Nela, contenso e vigilante, oscila entre composições de maior fôlego, onde apreende as frustrações cansadas do ramerrão burocrático, réplicas portuguesas à surdina lírica eluardiana, e várias formas lucidamente experimentais de poesia. O traço mais característico da sua obra dos anos 60 é um extremo pudor dos sentimentos ou ideais nomeáveis e até da simples presença humana, substituídos pela como osmose do sentir às coisas de materialidade mais óbvia (a terra, a luz, uma pedra, um muro, ossos) ou perante a coincidência ocasional e como que instintiva de eu a mim, a ti, a nós ou ao simples espaço físico onde brota uma pequena experiência, ou se dilata um desejo (Viagem através duma Nebulosa, 1960; Ocupação do espaço, 1963; Terrear, 1964; Não Posso Adiar o Coração, (volume I de Obra Poética, 1960-61), 1973; Horizonte Imediato, antologia, 1974; Animal Olhar (volume II de Obra Poética e O Ciclo do Cavalo, 1975; Respirar a Sombra Viva, 1975 (volume III de Obra Poética, 1969-73)... (pp. 1073-1074)

Saraiva, A. J. (2001). *História da literatura portuguesa* (17.ª ed.). Porto: Porto Editora.

*Sobre os textos*



Clique nos links para aceder aos recursos

[António Ramos Rosa](#)

[RTP Ensina](#)

[Portal da Literatura](#)

[Instituto Camões](#)

*Recursos Web*



**Eugénio de Andrade**

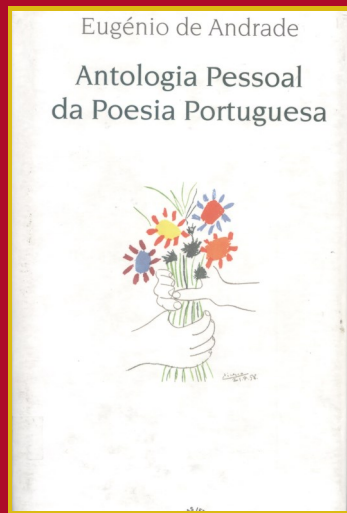
Eugénio de Andrade, pseudónimo de José Fontinhas

(Fundão, Póvoa de Atalaia, 19 de Janeiro de 1923 — Porto, 13 de Junho de 2005) foi um poeta português. O poeta nasceu na freguesia de Póvoa de Atalaia (Fundão) no dia 19 de Janeiro de 1923. Mudou-se para Lisboa aos dez anos devido à separação dos seus pais.

Frequentou o Liceu Passos Manuel e a Escola Técnica Machado de Castro, tendo escrito os seus primeiros poemas em 1936. Em 1938 enviou alguns desses poemas a António Botto que, gostando do que leu, o quis conhecer. Botto incentivou-o nessa senda, e em 1939, publicou o seu primeiro livro *Narciso*, sob o seu verdadeiro nome, que mais tarde viria a rejeitar.

Em 1943 mudou-se para Coimbra, onde regressa depois de cumprido o serviço militar convivendo com Miguel Torga e Eduardo Lourenço. Tomou-se funcionário público em 1947, exercendo durante 35 anos as funções de Inspector Administrativo do Ministério da Saúde. Uma transferência de serviço levá-lo-ia a instalar-se no Porto em 1950, numa casa que só deixou mais de quatro décadas depois, quando se mudou para o edifício da extinta Fundação Eugénio de Andrade, na Foz do Douro.

Durante os anos que se seguem até à data da sua morte, o poeta fez diversas viagens, foi convidado para participar em vários eventos e travou amizades com muitas personalidades da cultura portuguesa e estrangeira.

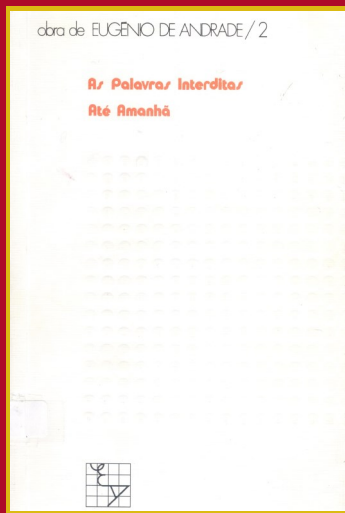


**Cota: 821.134.3-82 AND**

## *Os textos*

“Esta é a poesia portuguesa que, após mais de sessenta anos de lê-la, a memória me traz à tona. Às vezes é só um verso (Floriram por engano as rosas bravas..., E cercarom-mi as ondas, que grandes som...), outras é todo o poema (Aquele triste e leda madrugada/ Cheia toda de mágoa e de piedade..., Dá a surpresa de ser,/ é alta, de um louro escuro...) que me procuram e insistem em acompanhar. São estas cintilações de memória que, depois de tanto tempo de convívio, ainda amo, e em grande parte à sombra das quais a minha própria poesia cresceu, que resolvi partilhar com outros. É só isto, esta antologia: uma escolha pessoalíssima, portanto, a estimular outras, igualmente pessoais, que os leitores não deixarão de fazer em diálogo comigo. Mas quero prevenir-vos desde já: não estão aqui todos os poemas portugueses de que gosto. sobretudo faltam versos daqueles poetas que são para mim os maiores da língua: Camões, Cesário, Pessanha e Pessoa. De Camões e Pessoa, mesmo que a sua representação duplicasse, ainda faltaria muita coisa. Mas o que mais amo desses poetas pode ler-se nas amplas antologias que deles acabei por organizar. Também dos Cancioneiros e do Romanceiro a escolha poderia ter ido mais longe... (p. 9)

Andrade, Eugénio. (2002). *Antologia pessoal da poesia portuguesa* (7.ª ed.). Porto: Campo das Letras.



Cota: 821.134.3-1 AND

*Os textos*

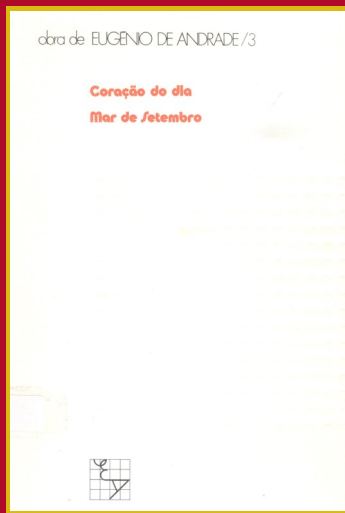
“Coração habitado”

Aqui estão as mãos.  
São os mais belos sinais da terra.  
Os anjos nascem aqui:  
frescos, matinais, quase de orvalho,  
de coração alegre e povoado.

Ponho nelas a minha boca,  
respiro o sangue, o seu rumor branco,  
aqueço-as por dentro, abandonadas  
nas minhas, as pequenas mãos do mundo.

Alguns pensam que são as mãos de Deus  
- eu sei que são as mãos de um homem,  
Trémulas barcas onde a água,  
A tristeza e as quatro estações  
Penetram, indiferentemente. (p. 41)

Andrade, Eugénio. (2005). *As palavras interditas: Até amanhã* (14.ª ed.). Porto: Fundação Eugénio de Andrade.



Cota: 821.134.3-1 AND

*Os textos*

“Serão palavras”

Diremos prado bosque  
primavera,  
e tudo o que dissermos  
é só para dizermos  
que fomos jovens.

Diremos mãe amor  
um barco,  
e só diremos  
que nada há  
para levar ao coração.

Diremos terra mar  
ou madressilva,  
mas sem música no sangue  
serão palavras só,  
e só palavras, o que diremos. (p. 54)

Andrade, Eugénio. (1994). Serão palavras *In Mar de setembro. Coração do dia: Mar de setembro* (12.<sup>a</sup> ed.). Porto: Fundação Eugénio de Andrade.



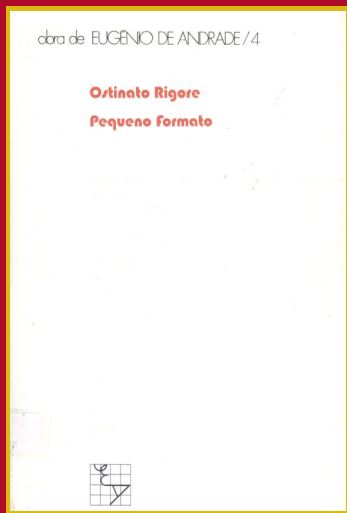
Cota: 821.134.3-32 AND

## Os textos

...*For terrible is earth*. São palavras de um poema de *Melville*. Terrível é a terra, e tão bela! Venho dos campos de Idanha – e quem não viu essas terras nos começos de junho, com o verão a espreitar cada oliveira, cada sobreiro, e o melindre dos fenos a perder de vista, não pode imaginar como a terra é o lugar certo para o nosso coração. Entre a velha Idanha, reduzida pela emigração a um punhado de velhos sentados à soleira das portas, e a nova, resistindo ao avanço do deserto, corre uma estradinha ajustada à leve ondulação dos montes, onde nos deixámos perder, porque tínhamos o domingo todo à nossa frente e estávamos fascinados pela harmonia do mundo. O amigo parara o carro e fora fotografar uns sobreiros que só esperavam pelo inverno para morrer; eu sentara-me na berma da estrada, rente às giestas com restos de flor, consentindo que as mãos leves do ar tomassem conta de mim – a luz, o silêncio, a solidão, um sopro de felicidade, tudo convidava ao abandono. (p. 189)

Andrade, Eugénio. (1997). *Os afluentes do silêncio* (9.<sup>a</sup> ed.). Porto: Fundação Eugénio de Andrade.





Cota: 821.134.3-1 AND

*Os textos*

“Anunciação da alegria”  
Devia ser verão, devia ser jovem:  
caminhava ao encontro da manhã  
como quem entra na água.

Um corpo nu brilhava nas areias  
- corpo ou pedra?, pedra ou flor?

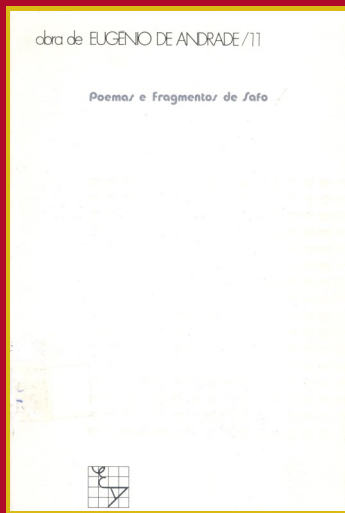
Verde era a luz, e a espuma  
do vento rolava pelas dunas.

Soltei os olhos sobre aquele corpo,  
o coração latindo de alegria.

De repente vi o mar subir a prumo,  
desabar inteiro nos meus ombros.

Sem muros era terra, e tudo ardia. (p. 19)

Andrade, Eugénio. (1997). Anunciação da alegria In *Ostinato rigore*. *Ostinato rigore: Pequeno formato* (11.<sup>a</sup> ed.). Porto: Fundação Eugénio de Andrade.



**Cota: 821.134.3-1 AND**

Olha filha de Zeus, imortal Afrodite,  
Tu tanto engano teces, em teu trono  
Cintilante, não sujeites meu coração  
A dor tão grande!

Vem, vem como quando um dia ao longe  
a voz me ouvistes, as súplicas me escutaste,  
e a casa de teu pai abandonando  
até mim vieste,

em teu carro de oiro. Belas, velozes aves  
do alto Céu à Terra escura te trouxeram  
em numeroso e denso gritar de asas  
através do ar.

Depressa aqui chegaram, e tu, divina,  
um sorriso abrindo no rosto imortal,  
perguntaste que sofrimento era o meu  
para assim chamar,

e que queria meu louco coração ainda.  
«Quem queres tu que persuada agora  
Ao teu amor? De quem te queixas, Safo?  
Quem te atormenta? (p. 19)

Andrade, Eugénio. (1997). *Poemas e fragmentos de safo* (5.<sup>a</sup> ed.). Porto: Fundação

Eugénio de Andrade.

*Os textos*



Cota: 821.134.3-1 AND

*Os textos*

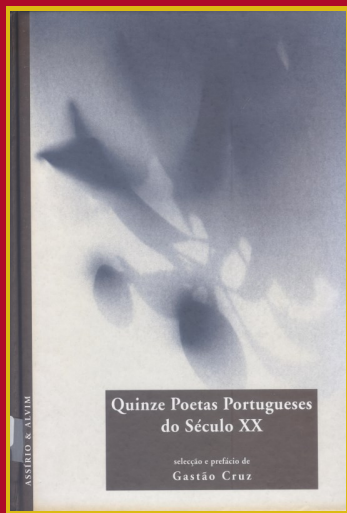
### “Canção breve”

Tudo me prende à terra onde me dei:  
o rio subitamente adolescente,  
a luz tropeçando nas esquinas,  
as areias onde ardi impaciente.

Tudo me prende do triste amor  
que há em saber que a vida pouco dura,  
e nela ponho a esperança e o calor  
de uns dedos com restos de ternura.

Dizem que há outros céus e outras luas  
e outros olhos densos de alegrias,  
mas eu sou destas casa, destas ruas,  
deste amor a escorrer melancolia. (p. 78)

Andrade, Eugénio. (2005). Canção breve. In *Os mantes sem dinheiro, Primeiros poemas: As mãos e os frutos: Os amantes sem dinheiro*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.



Cota: 821.134.3-82 QUI

Tu és a esperança, a madrugada.  
Nascestes nas tardes de setembro,  
quando a luz é perfeita e mais doirada,  
e há uma fonte crescendo no silêncio  
da boca mais sombria e mais fechada.

Para ti criei palavras sem sentido,  
inventei brumas, lagos densos,  
e deixei no ar braços suspensos  
ao encontro da luz que anda comigo.

Tu és a esperança onde deponho  
meus versos que não pode ser mais nada.  
Esperança minha, onde meus olhos bebem,  
fundo, como quem bebe a madrugada. (p. 216)

Andrade, Eugénio. (2004). Sem título *In Cruz, Gastão, Quinze poetas portugueses do século XX*. Lisboa: Assírio & Alvim.

*Os textos*



Cota: 821.134.3-82 ROS

## *Os textos*

Quando voltar ao Alentejo as cigarras já terão morrido. Passaram o verão todo a transformar a luz em canto – não sei de destino mais glorioso. Quem lá encontraremos, pela certa, são aquelas mulheres envolvidas na sombra dos seus lutos, como se a terra lhes tivesse morrido e para todo o sempre se quedassem órfãs. Não as veremos apenas em Barrancos ou em Castro Laboreiro, elas estão em toda a parte onde nasça o sol: em Cória ou Catânia, em Mistras ou Santa Claradel Cobre, em Varchats ou Beni Mellal, porque elas são as mães. O olhar esperto ou sonolento, o corpo feito em espeto ou mal podendo com as carnes, elas são as mães. A tua; a minha, se não tivera morrido tão cedo, sem tempo para que o rosto viesse a ser lavrado pelo vento. Provavelmente estão aí desde a primeira estrela. E como duram! Feitas de urze ressequida, parecem imortais. Se o não forem, são pelo menos incorruptíveis, como se praticassem da natureza do fogo. Com mãos friáveis teceram a rede dos nossos sonhos, alimentaram-nos com a luz coada pela obscuridade dos seus lenços. Às vezes encostam-se à cal dos muros a ver passar os dias, roendo uma côdea ou fazendo uns carapins para o último dos netos, as entranhas abertas nas palavras que vão trocando entre si.... (pp. 1617-1618)

Andrade, Eugénio. (2004). As mães In *Correia, Manuela, Rosa do mundo: 2001 poemas para o futuro* (3.ª ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.



**Cota: 8 MAR**  
**Música (CD)**

## Retrato

No teu rosto começa a madrugada.  
luz abrindo,  
de rosa em rosa,  
transparente e molhada.  
Melodia  
distante mas segura;  
irrompendo da terra,  
quente, redonda, madura.  
Mar imenso,  
praia deserta, horizontal e calma.  
Sabor agreste.  
Rosto da minha alma.

Mariza. (2003). Retrato *In Fado curvo* [CD].  
Lisboa: EMI Valentim de Carvalho.



**Cota: 800 POE**

**Musuca (Cd)**

Lisboa

Esta névoa sobre a cidade, o rio,

as gaivotas doutros dias, barcos, gente

apressada ou com o tempo todo para perder,

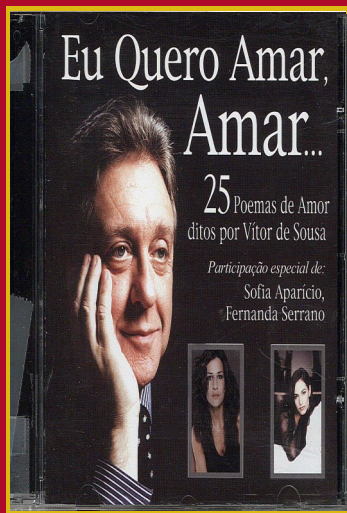
esta névoa onde começa a luz de Lisboa,

Rosa e limão sobre o Tejo, esta luz de água,

nada mais quero de degrau em degrau.

Fortes, Maria João. (2002). Mesa In *Poesia encantada 2* [CD].  
Alemanha: EMI Valentim de Carvalho.

*Os textos*



**Cota: 610 SOU**  
**Declamação (CD)**

*Os textos*

“Não canto porque sonho”

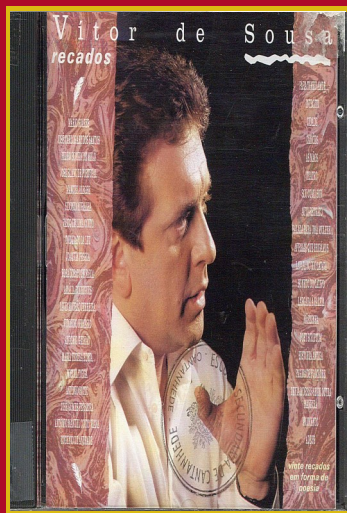
Não canto porque sonho.  
Canto porque és real.  
Canto o teu olhar maduro,  
teu sorriso puro,  
a tua graça animal.

Canto porque sou homem.  
Se não cantasse seria  
mesmo bicho sadio  
embriagado na alegria  
da tua vinha sem vinho.

Canto porque o amor apetece.  
Porque o feno amadurece  
nos teus braços deslumbrados.  
Porque o meu corpo estremece  
ao vê-los nus e suados.

Sousa, Vítor. (2002). Não canto porque sonho In *Eu quero amar, amar* [CD]. Portugal: Ovação.





**Cota: 610 SOU**  
**Declamação (CD)**

## *Os textos*

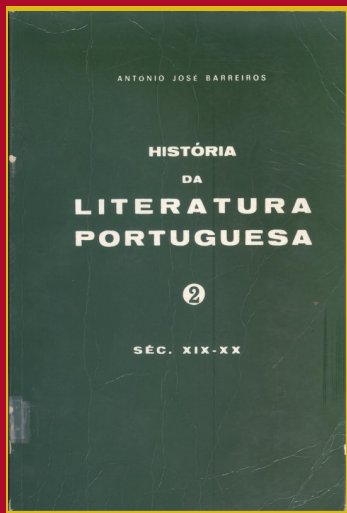
### Adeus

Já gastámos as palavras pela rua, meu amor,  
e o que nos ficou não chega  
para afastar o frio de quatro paredes.  
Gastámos tudo menos o silêncio.  
Gastámos os olhos com o sal das lágrimas,  
gastámos as mãos à força de as apertarmos,  
gastámos o relógio e as pedras das esquinas  
em esperas inúteis.

Meto as mãos nas algibeiras e não encontro nada.  
Antigamente tínhamos tanto para dar um ao outro;  
era como se todas as coisas fossem minhas:  
quanto mais te dava mais tinha para te dar.

Às vezes tu dizias: os teus olhos são peixes verdes.  
E eu acreditava.  
Acreditava,  
porque ao teu lado  
todas as coisas eram possíveis...

Sousa, Vítor. (1987). Adeus In *Recados* [CD]. Lisboa: Polygram discos.



Cota: 80(09) BAR

*Sobre os textos*

Em poemas densos de sugestividade, sem ocultar um erotismo de sensualidade pura e franca, ardente e discreta, Eugénio de Andrade não perde de vista a dignidade do homem e da vida. Procura ultrapassar o que na existência é frustração e compraz-se no aproveitamento hedonista dos momentos de plenitude, transformando num hino laudatório a dor e o prazer, a vida e a morte.

Segundo ele próprio declarou numa entrevista ao semanário Expresso (14 de Maio de 1977), as preocupações constantes da sua poesia são: «o fluir do tempo num jogo de luz e sombras; a ascensão e declínio do Éros, que não se pode resumir meramente à sexualidade; a descoberta do próprio rosto entre os muitos que nos impõem; a dignificação do homem num mundo muito mais empenhado em negar-lhe o corpo do que em afirmar-lhe a alma».

Tradutor de Garcia Lorca, que o influenciou algum tempo, Eugénio de Andrade cultiva um estilo que não despreza, antes refina o sentido do ritmo, da harmonia, do símbolo. Quando o poema não é todo ele uma metáfora dinâmica, são frequentes as metáforas que pelos seus versos se estendem, enchendo-os de elegância. (pp. 585-586)

Barreiros, António José. (1996). *História da literatura portuguesa* (14.ª ed., 2.º vol.).

Braga: Bezerra Editora.



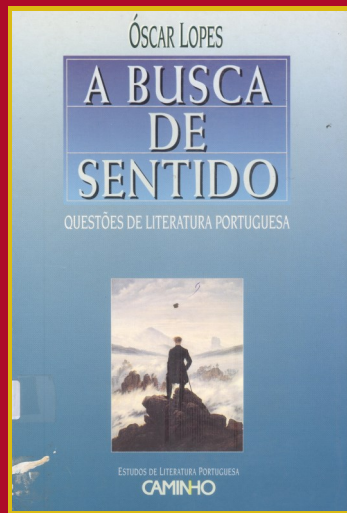
Cota: 80 FER

A poesia de Eugénio de Andrade apresenta-se corajosamente superficial – e de uma superficialidade tão subtil e envolvente, tão reticente embora capciosa, que só ao fim de repetidas leituras cabalmente se impõe. É certo que tais repetidas leituras trazem consigo o risco de revelar a estrutural inanidade de uma poesia como esta, que, em vez de penetrar no espírito do leitor, parece tão-somente deslizar, derramar-se sobre ele. Mas, então, já o espírito se encontra sob os efeitos desse epidérmico sortilégio; e nem reage. Um dos maiores triunfos da poesia de Eugénio de Andrade consiste justamente nessa capacidade de entorpecer, por meios muito simples, mesmo frívolos, aparentemente ingênuos ou desajeitados, o espírito de leitores aliás exigentes em outras circunstâncias.

Por outro lado, a poesia de Eugénio de Andrade documenta – num plano de superior realização – um problema a que já aqui aludimos: o do poeta que só dispõe de temas e que não encontra («falei de tudo quanto é meu / a juventude, o vento e as areias...»). (pp. 182-183)

Ferreira, David Mourão. (1980). *Vinte poetas contemporâneos* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Edições Ática.

*Sobre os textos*

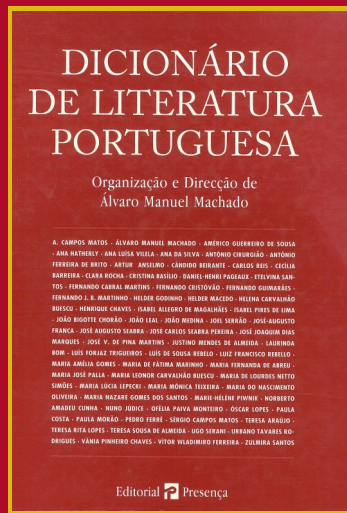


**Cota: 80 LOP**

## *Sobre os textos*

Num anterior ensaio da poesia de Eugénio de Andrade tentei entendê-la como uma espécie de música, de base afinal tetratônica como a música mais arcaica chinesa. Nós somos ainda arcaicos em dados estratos do agir e sentir, e classificamos espontaneamente as coisas como sólidas, líquidas, gasosas ou luminosas: talvez ainda seja essa a escala onírica das nossas imagens. Mas qualquer escala, tom, modo ou série musical básica vive da tensão dos seus intervalos, acordes, modulações, cadências, em que, simultaneamente, se evidencia e se transcende o seu enquadramento fundamental e teórico. Esse meu ensaio, como qualquer ensaio, não era só um exercício de entendimento: era um exercício, tanto quanto possível disciplinado, de fruição. Pego agora de novo no conjunto dos vinte e tal livros em verso, e ainda nos de prosa, de Eugénio de Andrade, todos eles de evidente poesia, diversamente ritmada, poesia obediente a recorrências de esquemas que regem sílabas, acentos, frase, curvas melódicas, efeitos articulatórios, imagens, representações ou actos de fala, mas esquemas furtivos, que mal se anunciam e logo se subsumem noutros mais amplos esquemas... (pp. 223-224)

Lopes, Óscar. (1995). *Em busca de sentido*. Lisboa: Caminho.

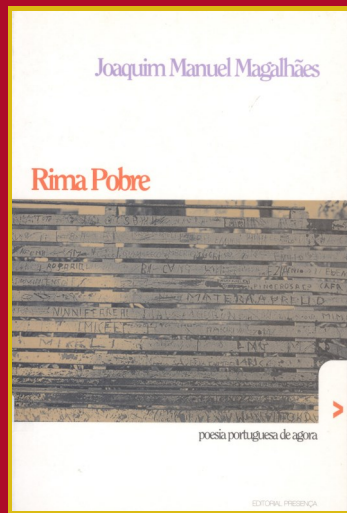


Cota: 80(038) MAC

*Sobre os textos*

Em Eugénio de Andrade, se considerarmos sobretudo algumas das suas obras iniciais, tais potencialidades são encarados tendo em vista o exemplo dos poetas espanhóis da geração de 27, nomeadamente Federico García Lorca, de cuja poesia é tradutor. Posteriormente – numa atitude em que a exuberância metafórica que podia derivar deste exemplo é atenuada de um invocado «ostinado rigore» -, conciliará a originalidade da sua poesia com o perseguido, e por ele tantas vezes reconhecido, exemplo de alguns poetas medievais galaico-portugueses e do simbolista Camilo Pessanha. Por outro lado, dá-se a circunstância de as suas obras inicialmente referidas coincidirem, precisamente, com o momento alto do seu surrealismo, havendo mesmo a considerar o convívio literário que manteve com alguns dos seus representantes. No entanto, só muito indirectamente se faz sentir a influência dos surrealistas, tanto mais que a opção por formas poeticamente antiartísticas e de índole imediatamente expressiva tão próprias do movimento em questão iam chocar com o exigente lirismo de Eugénio de Andrade. (p. 34)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa:



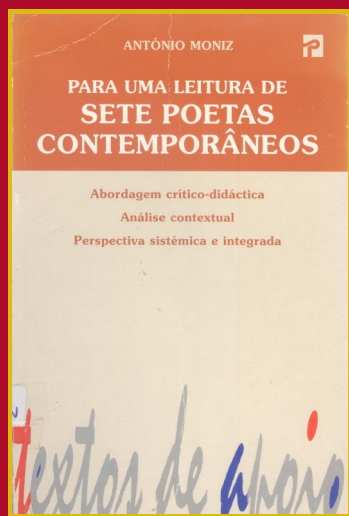
**Cota: 80 MAG**

*Sobre os textos*

O ritmo é, por excelência, uma situação discursiva que está longe de se interligar apenas com a métrica. Não apenas a ordenação métrica produz ritmos distintos, de acordo com a elocução interior e a afirmação dos sentidos peculiares de cada poema, mesmo que obedecendo à mesma distribuição quantitativa, ou a recorrência de metros ainda que inovadores, introduz uma qualidade monocórdica e esperável que fossiliza a intenção revigorante de qualquer discurso.

Era a isto que os imagistas classificavam de escrever à maneira de um metrônomo. Esta maneira, precisamente, só muito raramente a encontramos na obra de Eugénio de Andrade e nunca neste livro mais recente. Sobremaneira acentue-se a comparência nele de um texto em prosa, por onde inviamente se pode afirmar quanto a questão rítmica é fundamental para a própria escrita em prosa. Qualquer texto em prosa, não deveríamos esquecer nunca, é tanto quanto um poema uma questão de ritmo. Isto esquecem quase sempre os maus prosadores, que julgam a prosa um mero equivalente do chamado discurso da troca comum, o que nunca a atenção textual a que chamamos a prosa alguma vez foi. (p. 111)

Magalhães, Joaquim Manuel. (1999). *Rima pobre: poesia portuguesa de agora*. Lisboa: Editorial Presença.



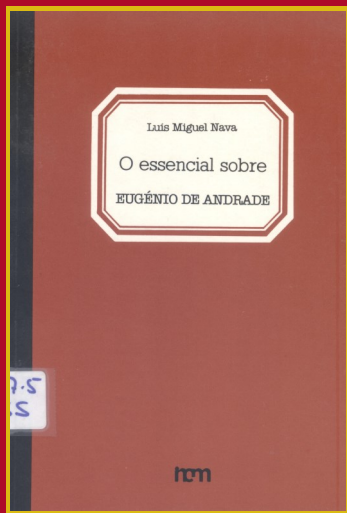
**Cota: 80 MON**

*Sobre os textos*

Interpretando a sua dor como solar, no sentido do otimismo em que, no fundo, toda a verdadeira e intensa dor moral «participa da alegria», Óscar Lopes concretiza, a partir dos símbolos mais ricos do espaço poético de Eugénio de Andrade, a atmosfera sagrada em que este se move: «o seu símbolo está na casa, a casa arquetípica em volta do fogo, com colunas ou aberturas para os deuses de cima; ou, mais do que casa, está no barco, espécie de casa móvel, a cuja estabilidade, apenas relativa, se comunica a força viva do vento, na perspectiva de um mar ilimitado. A vida como plenitude, o repouso no coração do lume, ou, preferem, a alternância entre o ardor e o voo que a ele imediatamente conduz, entre a Primavera e o Verão».

De modo análogo, António Ramos Rosa faz remontar a poesia de Eugénio de Andrade «às verdades primigénias, elementares, e fundamentais e, na medida em que as assume e as manifesta, cumpre a missão essencial da poesia, que é a um tempo procura e manifestação do humano nas raízes e no seu projecto fundamental para o futuro incessante do homem». (pp. 118-119)

Moniz, António. (1996). *Para uma leitura de sete poetas contemporâneos*. Lisboa:



Cota: 087.5 NAV

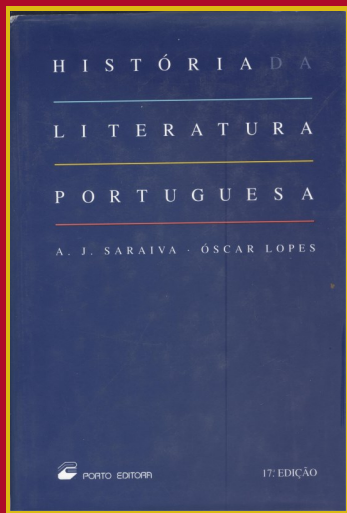
*Sobre os textos*

Pode, pois, dizer-se que Eugénio de Andrade logo desde o início colocou a sua produção no cerne duma problemática em redor da qual mais tarde haveriam de girar as mais importantes reflexões sobre a linguagem, às quais a seu modo o poeta assim se antecipou. A concepção da escrita enquanto materialidade, enquanto profundamente erotizado e em relação a que, por conseguinte, o leitor se situa em termos de desejo e de prazer, não era, à data da publicação de *As Mãos e os Frutos* (1948), o lugar – comum que hoje talvez possa pensar-se.

Ao longo de toda a sua obra as palavras aparecem comparadas ou assimiladas ao que, como anteriormente vimos, se encontra carregado desse excesso que, sendo geralmente apreendido pelo gosto e pelo tacto, o poeta o mais das vezes assinala recorrendo à música e à luz. Como seria de prever, também as palavras aparecem associadas tanto à primeira (em «limiar dos pássaros», por exemplo, fala-se da «corrosiva música das vogais») como à segunda, afigurando-se, a este respeito, que o próprio título *Matéria Solar* designe simultaneamente a luz e a escrita. (pp. 4748)

Nava, Luís Miguel. (1987). *O essencial sobre Eugénio de Andrade*. Lisboa:





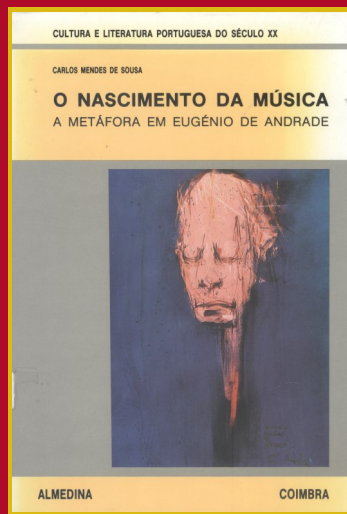
**Cota: 80(09) SAR**

A feição mais frequente na poesia de Eugénio de Andrade (José Fontinhas, n. 1923-01-19) é, desde o livro da consagração, *As Mãos e os Frutos*, 1948, 14.ª edição 1993, a evidência de um paraíso puramente terrestre, emanação do desejo e perceptível à simples transparência dos ritmos frásicos orais, das conotações de um léxico severamente escolhido e sobre o qual opera um permanente movimento de metáfora, aparentemente modulador de imagens diversas para um mesmo conjunto de elementos míticos fundamentais: a terra densa com os seus frutos e corpos; a água fluvial ou marinha; ou tudo o que há de volátil; o lume, ou ardor, ou ainda a luz de um Abril adolescente, de um Verão a prumo, ou de um Outono dourado a rever-se, a desdobrar-se em imagens de perduração aprilina, juvenil.

O conjunto da sua obra, onde, mais do que do nosso modernismo, se reconhece a continuidade da geração espanhola de 1972, constitui a consumação talvez inultrapassavelmente consistente de algo que, sem ela, nem talvez se pudesse considerar definido: uma espécie de imagismo português. (p. 1052)

Saraiva, A. J. & Lopes Óscar. (2001). *História da literatura* (17.ª ed.). Porto: Porto

*Sobre os textos*



Cota: 80 SOU

*Sobre os textos*

À volta de um núcleo de obsessões se configura geralmente um universo poético; conjunto que vemos constituir-se através de um número relativamente restrito de macro-signos semânticos (temas, motivos, imagens), de mitos pessoais e de outras recorrências que se afirmam como traços idiolectais, concretamente ao nível da actualização de diversos códigos literários. Diz Eugénio de Andrade sobre a sua poesia: “Há uma série de recorrências que se vão, não direi alargando mas aprofundando, ao longo da vinte e tal anos de poesia: o fluir do tempo num jogo de luz e sombras; a ascensão e declínio do Éros, que não se pode resumir meramente à sexualidade; a descoberta do próprio rosto entre os muitos que nos impõem; a dignificação do homem num mundo muito mais empenhado em negar-lhe o corpo do que em afirmar-lhe a alma – preocupações maiores, ao que me parece, da minha poesia, sem esquecer a face acolhedora e materna extensiva a tanta imagem de vida instintivamente feliz e aberta”. O tempo, Eros, o rosto, a face materna: algumas das obsessões maiores que o poeta sublinha. (p. 201)

Sousa, Carlos Mendes de. (1992). *O nascimento da música*. Coimbra: Almedina.



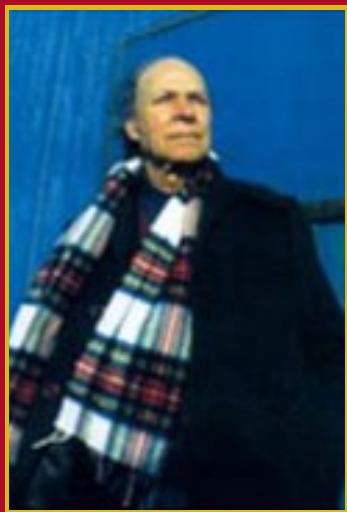
**Cota: (036) ROS**

Diga-se desde já que foi a primeira poesia de Eugénio de Andrade a traçar o itinerário que agora se publica, o qual poderíamos mesmo intitular «Por terras de Eugénio de Andrade...». Num concelho culturalmente variado e de topografias multifacetadas como é o Fundão, facilitada tivemos a tarefa de eleger um percurso, na medida em que o próprio poeta delineara há muito a geografia afectiva da sua poesia: «Póvoa, Castelo Novo, Alpedrinha,/ Orca, Atalaia, nomes porosos/ da sede...» A estas povoações ousámos juntar mais duas: o Fundão, enquanto sede concelhia, e Vale de Prazeres, porque se ajusta ao próprio trajecto físico.

Assim o roteiro que aqui se propõe coincide com as terras, passagens e costumes que tão decididamente marcam a obra eugeniana: «Tudo o que na minha poesia é limpo e luminoso e transparente tem aqui a sua nascente». No fundo, foram estas as estâncias naturais e humanas que moldaram tácita ou expressamente toda a sua obra: «Das coisas melhores que me aconteceram foi ter nascido numa aldeia da Beira Baixa, e aí ter passado toda a minha infância»... (p. 5)

Rosa, João Mendes. (2003). *Caminhando... pela rota de Eugénio de Andrade*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro.

*Sobre os textos*



Clique nos links para aceder aos recursos

[Instituto Camões](#)

[RTP Ensina](#)

[Portal da Literatura](#)

*Recursos web*

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário